

É preciso tirar os sapatos...

“A paz é fruto da justiça” (Is 32, 17).



“Moisés olhava: a sarça ardia, mas não se consumia. Vou me aproximar, disse ele consigo, para contemplar esse extraordinário espetáculo, e saber porque a sarça não se consome. Vendo o Senhor que ele se aproximava para ver, chamou do meio da sarça: Moisés, Moisés! Eis-me aqui! respondeu ele. E Deus: Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa” (Ex 3, 2b-5).

Nestas férias, tive a oportunidade de ler o livro do rabino Nilton Bonder, intitulado “**Tirando os sapatos.**” Neste livro, ele narra a trajetória de que participou com um grupo de representantes de diferentes países e religiões, numa viagem cultural e espiritual, refazendo a peregrinação de fé empreendida por Abraão há cerca de quatro mil anos. Sendo Abraão um personagem comum às três religiões monoteístas (judaísmo, catolicismo e islamismo), para cada uma dessas religiões, a mesma trajetória e o mesmo personagem possuem visões e significados diferentes.

Ao defrontar sua crença, a visão que sua religião lhe oferecia sobre os fatos, com novas interpretações desses mesmos fatos, o que lhe soava como uma afronta e um absurdo, Nilton Bonder chega a uma sábia conclusão: era preciso tirar os sapatos. Entre os desconfortos experimentados nos embates de ideias, ele percebe que era preciso pisar descalço no mesmo chão comum para estabelecer um diálogo aberto e verdadeiro, a partir de uma mesma base: **todos nós somos criaturas amadas de um único Deus.**

Era preciso tirar os sapatos da segurança da religião, da comodidade, das suas verdades absolutas, do seu ponto de vista como sendo o mais correto, da arrogância, do egoísmo e do preconceito. Era necessário experimentar as sensações do mesmo piso para entender o outro como ele é, sem julgar, condenar ou odiá-lo.

Aí está o primeiro passo para a construção da paz: colocar-se no lugar do outro, reconhecer que o outro é uma terra santa e que para isso é necessário tirar as nossas sandálias para estar com ele. Pois, quem, de fato, faz uma experiência da sarça ardente, do encontro com Deus, do fogo que queima e aquece, mas não destrói nosso coração, entenderá que só é possível responder: “**Eis-me aqui!**” se for capaz de despojar-se de seus sapatos.



Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com

Somente através da dinâmica do movimento de descalçar-se é que seremos capazes de promover uma verdadeira justiça que levará à paz. Como diria Mahatma Gandhi: “**A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos.**” A violência não será vencida pela violência, mas pela promoção da justiça e da não-violência.

Embora a questão da violência e da segurança pública no Rio de Janeiro tenha chegado ao caos, creio que a saída não esteja em gastar milhões com armamentos, munições e “caveirões”. Não é calçando os sapatos do comodismo, trancafiando-nos em condomínios fechados e extremamente equipados com sistemas de seguranças caros e avançados, comprando carros blindados, contratando seguranças particulares ou segregando as pessoas... que vamos conseguir a tão sonhada paz na nossa cidade.

Sei que, devido à gravíssima situação em que nos encontramos, lançar mãos desses recursos, muitas vezes, se faz necessário numa ação imediatista de sobrevivência. Mas não é o caminho para a solução deste problema.

Conforme a Campanha da Fraternidade desse ano nos aponta, é preciso urgentemente promover a justiça social e uma transformação profunda nas estruturas injustas em que vive a maior parte da população carioca, quiçá brasileira. É preciso repensar as relações trabalhistas, a divisão de renda, o papel do sindicato, fornecer uma educação eficiente para os que não têm condições financeiras poderem se profissionalizar decentemente e competir no mercado, fornecer uma estrutura de saúde digna à população, correspondente aos impostos pagos pela mesma, entre outras ações urgentes.

Tais mudanças, que vejo como a promoção da justiça, não significa nivelar todos numa mesma condição, tornando todos idênticos. Promover a justiça é dar oportunidades e condições a todos de viverem, no mínimo, dignamente de acordo com as suas necessidades. Isso não é acabar com a diferença social, mas acabar com qualquer forma indigna de se viver. É fornecer todas as condições e a liberdade a todos de viverem como seres humanos e não como escravos ou animais.

Por isso repito, é necessário tirar o sapato para chegar no sagrado que é o outro. E pisando descalço na sagrada terra chamada “nosso próximo”, podemos compreendê-lo melhor através do amor. Pois “**o amor é a força mais abstrata, e também a mais potente, que há no mundo**” (Mahatma Gandhi). Somente praticando o amor concreto ao próximo, ensinado por Cristo, é que conseguiremos promover a justiça, a paz e a semente do Reino de Deus.